Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.1006
ESTUDOS BÍBLICOS

"O reino dos céus será semelhante a dez virgens"

Análise de Mt 25,1-13

"The kingdom of heaven will be like ten virgins": analysis of Mt 25,1-13
"El reino de los cielos será semejante a diez vírgenes": análisis de Mt 25,1-13

Waldecir Gonzaga* e Filipe Henrique de Araújo**

* Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana). Pós-doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. É diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. É criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica.
waldecir@hotmail.com

** Pós-graduado em Teologia Contemporânea pelo Centro Universitário Claretiano e Graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana. Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
filipearaujo.scj@gmail.com

Recebido em: 24/04/2024
Aprovado em: 13/09/2024

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0

Resumo

A perícope Mt 25,1-13, das dez virgens, é um dos textos mais comentados do Primeiro Evangelho. Em geral, não se questiona sua unidade textual e esse é um dos poucos consensos entre os pesquisadores quanto a esta perícope. A discussão acerca de seu gênero literário contrapõe aqueles que o defendem como parábola àqueles que o consideram uma alegoria. Esta definição não é meramente uma formalidade, pois influencia diretamente as possibilidades hermenêuticas possíveis para este texto. Desse modo, esse artigo debruça-se na história da interpretação de Mt 25,1-13. Para isso, é oferecida uma segmentação e tradução do texto, notas de crítica textual, a crítica da forma e a crítica do gênero literário. Em seguida, é desenvolvido um comentário exegético a partir dos principais vocábulos da perícope de Mt 25,1-13. Por fim, é apresentada a história da interpretação da perícope proposta. A metodologia utilizada é o Método Histórico-Crítico e a pesquisa bibliográfica. Neste sentido, o artigo demonstra que a definição de um gênero literário não implica, necessariamente, na inexistência de elementos de um outro gênero literário em um mesmo texto. Com isso, a perícope de Mt 25,1-13, enquanto obra aberta, é contemplada em sua polissemia, obviamente, sem arbitrariedades, mas dentro dos limites interpretativos impostos pelo próprio texto.

Palavras-chave: Mateus. Noivo. Dez virgens. Parábola. Alegoria.

Abstract

The pericope Mt 25,1-13, of the ten virgins, is one of the most commented texts in the First Gospel. In general, its textual unity is not questioned and this is one of the few consensuses among researchers regarding this pericope. The discussion about its literary genre pits those who defend it as a parable against those who consider it an allegory. This definition is not merely a formality, as it directly influences the possible hermeneutical possibilities for this text. This article therefore looks at the history of the interpretation of Mt 25,1-13. To do this, we offer a segmentation and translation of the text, notes on textual criticism, form criticism and literary genre criticism. This is followed by an exegetical

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

commentary based on the main words in the pericope of Mt 25,1-13. Finally, the history of the interpretation of the proposed pericope is presented. The methodology used is the Historical-Critical Method and bibliographical research. In this sense, the article demonstrates that the definition of a literary genre does not necessarily imply that there are no elements of another literary genre in the same text. With this, the pericope of Mt 25,1-13, as an open work, is contemplated in its polysemy, obviously without arbitrariness, but within the interpretative limits imposed by the text itself..

Keywords: Matthew. Bridegroom. Ten virgins. Parable. Allegory.

Resumen

La perícopa Mt 25,1-13, de las diez vírgenes, es uno de los textos más comentados del Primer Evangelio. En general, no se cuestiona su unidad textual y éste es uno de los pocos consensos entre los investigadores en torno a esta perícopa. La discusión sobre su género literario enfrenta a quienes la defienden como parábola y a quienes la consideran una alegoría. Esta definición no es una mera formalidad, ya que influye directamente en las posibles posibilidades hermenéuticas de este texto. Así pues, este artículo examina la historia de la interpretación de Mt 25,1-13. Para ello, ofrecemos una segmentación y traducción del texto, notas sobre crítica textual, crítica de la forma y crítica del género literario. A continuación, se ofrece un comentario exegético basado en las principales palabras de la perícopa de Mt 25,1-13. Por último, se presenta la historia de la interpretación de la perícopa propuesta. La metodología utilizada es el método histórico-crítico y la investigación bibliográfica. En este sentido, el artículo demuestra que la definición de un género literario no implica necesariamente que no haya elementos de otro género literario en el mismo texto. Con ello, la perícopa de Mt 25,1-13, como obra abierta, es contemplada en su polisemia, obviamente sin arbitrariedad, pero dentro de los límites interpretativos impuestos por el propio texto.

Keywords: Mateo. Esposo. Diez vírgenes. Parábola. Alegoría.

1 Introdução

Uma cena corriqueira em praticamente qualquer época e cultura, um casamento. É justamente a uma parte de uma cerimônia de casamento que Mateus recorre para apresentar como semelhante ao reino dos céus. Entretanto, toda a certeza que há acerca do valor cultural e religioso dessa cerimônia se esvai quando se percebe que não há uma fonte que descreva um ritual de casamento no tempo de Jesus, a não ser a das Bodas de Caná (Jo 2,1-12), que é da festa e não do ritual do casamento em si; ou do próprio casamento de Maria e José, porém, Mateus (Mt 1) e Lucas (Lc 1) nada descrevem do ritual do mesmo.

Com isso, as interpretações, especulações e conjecturas sobre a perícope de Mt 25,1-13 são abundantes e, não raramente, extremamente criativas. Entretanto, não é necessário ter amplo conhecimento do cerimonial matrimonial judeu de outrora para haurir diferentes e sensatas conclusões sobre esse texto mateano. Mais ainda, sempre é possível extrair algumas que possam incidir social e pastoralmente na vida comunitária dos crentes de hoje, como de sempre.

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir do Método Histórico-Crítico, sem a pretensão de exaurir todas as possibilidades de cada etapa. Oferece-se o texto na língua original, com segmentação e tradução; bem como crítica textual, da constituição do texto, da forma e do gênero literário, para se tecer um comentário exegético da perícope de Mt 25,1-13. Por fim, através de uma pesquisa de cunho bibliográfico-exploratório, pretende-se apresentar uma breve história da interpretação e pesquisa, privilegiando as de exegetas da atualidade.

2 Segmentação, tradução e crítica textual de Mt 25,1-13

Em uma tradução com caráter acadêmico, o primeiro passo é segmentar a perícope. Com isso encontram-se unidades textuais menores, mas com sentido. A tradução é feita a partir da segmentação, o que permite trazer à tona os primeiros traços da forma textual. Além disso, a crítica textual, um outro passo imprescindível para se configurar o caráter científico da exegese, possibilita ao pesquisador reconstruir o texto mais próximo do original possível (GONZAGA, 2015, p. 214). Desse modo, através da crítica textual, assevera-se a maior integridade textual do objeto material da pesquisa, ou seja, da perícope bíblica em questão (Mt 25,1-13).

2.1 Segmentação e tradução de Mt 25,1-13

Quadro 1 –Texto grego, segmentação e tradução de Mt 25,1-13

Τότε ὁμοιωθήσεται ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν δέκα παρθένοις,	1a	Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens,
αἵτινες λαβοῦσαι τὰς λαμπάδας ἑαυτῶν	1b	as quais tendo tomado suas lâmpadas,
ἐξῆλθον εἰς ὑπάντησιν τοῦ νυμφίου.	1c	saíram para o encontro do noivo.
πέντε δὲ ἐξ αὐτῶν ἦσαν μωραὶ	2a	Cinco delas eram tolas
καὶ πέντε φρόνιμοι.	2b	e cinco (*eram*) sábias.
αἱ γὰρ μωραὶ λαβοῦσαι τὰς λαμπάδας αὐτῶν	3a	As tolas, pois, tendo tomado suas lâmpadas
οὐκ ἔλαβον μεθ’ ἑαυτῶν ἔλαιον.	3b	não levaram com elas azeite.
αἱ δὲ φρόνιμοι ἔλαβον ἔλαιον ἐν τοῖς ἀγγείοις μετὰ τῶν λαμπάδων ἑαυτῶν.	4	As sábias, porém, levaram azeite nas vasilhas com suas lâmpadas.
χρονίζοντος δὲ τοῦ νυμφίου	5a	Demorando, porém, o noivo,
ἐνύσταξαν πᾶσαι	5b	todas ficaram sonolentas
καὶ ἐκάθευδον.	5c	e dormiram.
μέσης δὲ νυκτὸς κραυγὴ γέγονεν·	6a	No meio da noite, porém, houve um grito:
ἰδοὺ ὁ νυμφίος,	6b	Eis o noivo,

ἐξέρχεσθε εἰς ἀπάντησιν [αὐτοῦ].	6c	saí ao encontro [dele].
τότε ἠγέρθησαν πᾶσαι αἱ παρθένοι ἐκεῖναι	7a	Então, levantaram-se todas aquelas virgens
καὶ ἐκόσμησαν τὰς λαμπάδας ἑαυτῶν.	7c	e colocaram em ordem suas lâmpadas.
αἱ δὲ μωραὶ ταῖς φρονίμοις εἶπαν·	8a	As tolas, porém, disseram às sábias:
δότε ἡμῖν ἐκ τοῦ ἐλαίου ὑμῶν,	8b	Dai a nós do vosso azeite,
ὅτι αἱ λαμπάδες ἡμῶν σβέννυνται.	8c	porque as nossas lâmpadas estão se apagando.
ἀπεκρίθησαν δὲ αἱ φρόνιμοι λέγουσαι·	9a	Responderam, porém, as sábias, dizendo:
μήποτε οὐ μὴ ἀρκέσῃ ἡμῖν καὶ ὑμῖν·	9b	Jamais, de modo nenhum será suficiente para nós e para vós;
πορεύεσθε	9c	Ide,
μᾶλλον πρὸς τοὺς πωλοῦντας	9d	antes, aos que vendem
καὶ ἀγοράσατε ἑαυταῖς.	9e	e comprai para vós mesmas.
ἀπερχομένων δὲ αὐτῶν ἀγοράσαι	10a	Saindo, porém, elas, para comprar,
ἦλθεν ὁ νυμφίος,	10b	Veio o noivo,
καὶ αἱ ἕτοιμοι εἰσῆλθον μετ᾽ αὐτοῦ εἰς τοὺς γάμους	10c	e as preparadas entraram com ele para as bodas,
καὶ ἐκλείσθη ἡ θύρα.	10d	e foi fechada a porta.
11 ὕστερον δὲ ἔρχονται	11a	Depois, porém, vem
καὶ αἱ λοιπαὶ παρθένοι λέγουσαι·	11b	também as demais virgens dizendo:
κύριε κύριε, ἄνοιξον ἡμῖν.	11c	Senhor, senhor, abre para nós.
12 ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν·	12a	Ele, porém, respondendo, disse:
ἀμὴν λέγω ὑμῖν,	12b	Em verdade vos digo,
οὐκ οἶδα ὑμᾶς.	12c	não vos conheço.
13 γρηγορεῖτε οὖν,	13a	Vigiai, pois,
ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἡμέραν οὐδὲ τὴν ὥραν.	13b	porque não sabeis o dia nem a hora.

Fonte: texto grego da 28ª edição do texto de Nestle-Aland (Nestle *et al.*, 2012, p. 83-84), tradução e tabela dos autores.

2.2 Notas de crítica textual de Mt 25,1-13

As testemunhas textuais consistentes para o Evangelho de Mateus são os papiros 𝔓1, 𝔓19, 𝔓21, 𝔓25, 𝔓35, 𝔓37, 𝔓44, 𝔓45, 𝔓53, 𝔓62, 𝔓64(+67), 𝔓70, 𝔓71, 𝔓73, 𝔓77, 𝔓83, 𝔓86, 𝔓96,𝔓101, 𝔓102, 𝔓103, 𝔓104, 𝔓105, 𝔓110; os unciais ℵ (01) Codex Sinaiticus, A (02) Codex Alexandrinus, B (03) Codex Vaticanus, C (04) Codex Epharemi Syri rescriptus, D (05) Codex Bezae Cantabrigiensis, K (017) Codex Cyprius, L (019) Codex Regius, N (022) Codex Sinopensis, P (024) Codex Guelferbytanus, W (032) Codex Freerianus, Z (035) Codex Dublinensis, Γ (036) Codex Tischendorfianus, Δ (037) Codex Sangallensis, Θ (038) Codex Coridethianus, 058, 067, 071, 073, 078, 085, 087, 094, 0102, 0106, 0107, 0128, 0148, 0160, 0161, 0170, 0171, 0204, 0234, 0237, 0242, 0249, 0271, 0275, 0277, 0281, 0293, 0298; e os minúsculos e lecionários 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, l 844, l 2211. Pautando-se neste conjunto de testemunhas consistentes para o Evangelho de Mateus, é que se deve fazer a crítica textual para a perícope de Mt 25,1-13, tendo presente os critérios externos e internos da crítica.

No **v.1a** há três problemas de crítica textual para serem analisados. O primeiro deles é simples e ocorre também nos v.3.4.7. Nos unciais ℵ, C, K, W, Γ, Δ e 067, nos minúsculos e lecionários $f^{1.13}$, 33, 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, l 844 e l 2211 e no texto majoritário (𝔐) há o pronome pessoal genitivo feminino "αυτων/*deles*". Já o pronome reflexivo "ἑαυτῶν/*deles*" é encontrado nos unciais B, D, L e Θ. Pesando-se os testemunhos textuais, acompanha-se a decisão dos editores da NA[28] em assumir a variantes ἑαυτῶν como sendo a mais provável de ser a leitura original.

A segunda variante está no uso de "απαντησιν/*ir ao encontro*", no v.1c, encontrada nos unciais D, K, L, W, Γ, Δ e Θ, nos minúsculos e lecionários f^{13}, 33, 565, 579, 700, 1241, 1424, l 844, l 2211 e no texto majoritário (𝔐). A forma adotada na edição NA[28] "ὑπάντησιν/*ir ao encontro*" é atestada pelos unciais ℵ, B, C, Z e pelos minúsculos f^{1} e 892. Semanticamente, não há alteração com o uso das diferentes variantes. Todavia, o peso dos testemunhos textuais a favor de "ὑπάντησιν/*ir ao encontro*" dirime qualquer dúvida e corrobora a opção feita na NA[28].

A terceira e última variante do **v.1c** é a inserção de "και της νυμφης/*e da noiva*" conforme apresentam os unciais D e Θ, a família de minúsculos f^{1}, nos textos da tradição latina (latt), nas versões sírias $sy^{s.p.h^{**}}$ e na versão egipcia (mae). A crítica externa torna a escolha pela omissão correta, haja vista o peso dos testemunhos textuais apoiem a opção da NA[28], os unciais ℵ, B, K, L, W, Z, Γ, Δ e 0249, os minúsculos f^{13}, 33, 565, 579, 700, 892c, 1241, 1424, l 844, l 2211 e no texto majoritário (𝔐), que trazem apenas "τοῦ νυμφίου/do noiva" e não "τοῦ νυμφίου και της νυμφης/*do noivo e da noiva*".

No **v.9b** o "μὴ/*não*" é omitido nos unciais ℵ, A, L, Z, (Θ) e 0249 e nos minúsculos f^{13}, 33, 565, 579, 700, 1241, 1424, l 844 e l 2211. A edição da NA[28] apoia-se nos unciais B, C, D, K, W e Δ e nos minúsculos f^{1} e 892 para manter a expressão "οὐ μὴ/de modo algum". A crítica externa apoia a escolha da edição NA[28]. Como há testemunhos textuais consistentes para apoiar as duas leituras, convém recorrer à crítica interna; provavelmente, há uma simplificação ao se omitir o último termo negativo de uma sequência de três "nãos": "μήποτε οὐ μὴ/*jamais, de modo nenhum*". Desse modo, o critério da crítica interna *lectio difficilior probabilior* (GONZAGA, 2015, p. 214) corrobora a escolha da edição NA[28] em manter "μὴ/*não*" no texto.

Por fim, no **v.13b**, os unciais C^{3}, K e Γ, os minúsculos f^{13}, 579, 700, 1241, 1424^{c}, o texto majoritário (𝔐) e vários manuscritos da Vulgata trazem a adição "εν η ο υιος του ανθρωπου ερχεται/*em que o filho do homem virá*". Todas os testemunhos textuais

consistentes para o Evangelho de Mateus não apoiam essa adição. Possivelmente, trata-se de uma adição dos copistas para deixar essa construção semelhante a Mt 24,44, trazendo uma harmonização entre os dois Evangelhos, o que, por si só, desaconselha tal opção (*lectio hamonizata*) (GONZAGA, 2015, p. 214). Portanto, opta-se por seguir o texto da NA[28].

3 Crítica da constituição do texto

A delimitação da perícope Mt 25,1-13 não oferece grandes dificuldades visto que é iniciada por uma fórmula introdutória tipicamente mateana "ὁμοιωθήσεται ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν/*o reino dos céus será semelhante*". Por sua vez, o final da perícope, Mt 25,13 é uma explícita exortação final, com a aplicação daquilo que foi ensinado no texto.

O texto goza de coesão interna. A única tensão notada encontra-se no v.13: tendo em vista que as virgens sábias e as virgens tolas dormiram, conforme se lê no v.5c, o verbo "γρηγορέω/manter-*se desperto/acordado*" pode aparentar uma possível contradição na perícope em estudo; o que levou a alguns estudiosos a postularem a adição do v.13 em uma etapa redacional posterior (JEREMIAS, 1986, p. 50).

Quanto à autoria do texto, o vocabulário utilizado indica a pertença ao Evangelho de Mateus. Expressões como "ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν/*o reino dos céus*", "ἐξέρχομαι εἰς ὑπάντησιν/*sair ao encontro*", "μωρός/*tolo*", "φρόνιμος/*sábio*", "χρονίζω/*demorar*" e "γρηγορέω/*vigiar*" ocorrem com sentido similar em outras passagens, conforme é visto no comentário exegético.

4 Crítica da forma

Os personagens dessa perícope são o noivo e as virgens. Inicialmente, os dois grupos de virgens estão unidos, porém, com o desenrolar da narrativa, ficam em oposição. A diferenciação inicial "sábias" e "tolas" é compreendida a partir da posse ou não do azeite e traz consequências para elas: entrar ou não na festa nupcial.

Puig elogia a narrativa dessa perícope, considerando-a rica e harmoniosa, seja pela variedade de tempos verbais, seja pela sucessão de partículas que marcam as mudanças de cenas e o desenvolvimento da narrativa. O aoristo, tempo narrativo por excelência, é utilizado para as ações principais sendo mesclado com o uso do imperfeito nas ações secundárias. Os dois genitivos absolutos "χρονίζοντος/*demorando*" e "ἀπερχομένων/*saindo*", nos v.5.10, servem como que títulos para as cenas que abrem, o primeiro enquanto determinação temporal, o segundo enquanto determinação espaço-temporal. Desse modo, indicam o curso da narrativa, abrem cenas importantes e de forma imediata informam o contexto ao leitor (PUIG, 1983, p. 31-34).

A narrativa é iniciada com uma introdução que funciona a modo de um título: "o reino dos céus será semelhante...", v.1. Em seguida há quatro quadros: 1) a apresentação dos dois grupos de virgens, v.2-4; 2) o sono das virgens, v.5; 3) o diálogo das virgens, v.8-9; 4) a entrada de umas e a exclusão de outras para as bodas, v.10-12. Por fim, há uma conclusão com o ensinamento, v.13 (FABRIS, 1996, p. 507). Uma outra abordagem possível para o desenvolvimento do texto se dá a partir da perspectiva do noivo. Embora ele entre em ação apenas no v.10, o noivo é o personagem integrativo, pois toda a história gira em torno dele: ele é o esperado; entre seu atraso e o anúncio de sua chegada a maior

parte do enredo se desenvolve; por fim, com sua chegada, a festa de bodas inicia-se e o grupo é dividido (GNILKA, 1991, p. 507), separando naturalmente as "sábias" e as "tolas".

Relacionando-se as duas perspectivas apresentadas é possível compreender a estrutura de ação-reação proposta por Gourgues (2004, p. 172):

	O noivo	As virgens
I. vv.1-4	vai chegar	levam/não levam azeite
II. v.5	tarda a chegar	cochilam e dormem
III. v.6-9	está para chegar	estão prontas/não estão prontas para acolhê-lo
IV. v.10-12	chega	entram/não entram para o banquete de núpcias

I. vv.1-5: Antes da vinda – preparação e espera
II. vv.6-10: A vinda – anúncio da vinda e vinda propriamente dita
III. vv.11-12: Depois da vinda – entrada ou não para a festa
+ v.13: aplicação

5 Crítica do gênero literário

A perícope em estudo (Mt 25,1-13) é indubitavelmente uma narrativa, a certeza acerca desse aspecto, ironicamente, não existe quanto à classificação do texto como uma alegoria ou como uma parábola. Há autores que radicalmente postulam uma ou outra posição e há outros que tentam uma posição intermediária acerca dessa questão (DONFRIED, 1974, p. 415). Classificar a perícope como alegoria ou como parábola, em geral, coloca em voga seu sentido, pois, se o noivo é Jesus ou Deus, poderá levar a interpretações distintas. Além disso, há também a questão da autenticidade narrativa, autenticidade não da autoria mateana, mas se esta narrativa esteve nos lábios de Jesus, isto é, se é um ensinamento propriamente dele (PUIG, 1983, p. 125).

Snodgrass, ao responder aqueles que propõem essa perícope como uma alegoria, é taxativo ao afirmar que não há nenhum sentido alegórico no texto:

> As virgens não são a noiva ou a Igreja, as duas classes de virgens não representam os gentios e os judeus, o número dez não tem qualquer significado específico, o "adormecer" não sugere falta de vigilância, o sono e o despertar não se referem à morte e à ressurreição, o meio da noite não se refere à expectativa de que a parusia ocorrerá à noite, e o azeite não se refere às boas obras ou ao Espírito Santo (SNODGRASS, 2010, p. 719).

Todavia, é preciso questionar-se acerca de uma posição tão radical quanto a de Snodgrass. Blinckenstaff considera essa perícope como uma parábola. Mas não compartilha da opinião de que não há nenhum sentido alegórico na narrativa. Para ela, retirar todo o sentido alegórico reduziria o texto a um ensinamento moral mateano (BLICKENSTAFF, 2005, p. 79). Portanto, não obstante os elementos metafóricos típicos de uma alegoria (GNILKA, 1991, p. 509), sobretudo no contexto dessa perícope, o texto

em questão pertence ao gênero das parábolas. Isso deve-se ao fato de o mesmo retratar uma cena cotidiana. Entretanto, é possível haurir, ainda que não fosse a intenção do autor e nem predominante na narrativa, interpretações alegóricas (MARGUERAT, 1981, p. 541; HARRINGTON, 2005, p. 312).

6 Comentário exegético de Mt 25,1-13

O v.1 abre a perícope com uma fórmula tipicamente mateana: "ὁμοιωθήσεται ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν/*o reino dos céus será semelhante*", conforme se vê em Mt 13,24; 18,23; 22,2. Há apenas uma diferença: enquanto aqui o verbo "ὁμοιόω/*ser semelhante*" está no futuro passivo, nas outras passagens ele está no aoristo passivo. Essa mudança do tempo verbal é justificada pelo uso de "τότε/*então*" e pelo contexto literário da perícope: essa construção indica o anúncio de algo que ainda não aconteceu. Além disso, o uso de "τότε/*então*" demarca uma ruptura com a unidade textual anterior, embora seu uso também preserve um aspecto de continuidade narrativa.

Mateus utiliza o termo "βασιλεία/*reino*" cinquenta e oito vezes: sendo dezessete vezes de forma isolada, cinco vezes como "ἡ βασιλεία τοῦ θεου/*o reino de Deus*" e trinta e uma vezes como "ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν/o *reino dos Céus*". Além disso, o sintagma "ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν/o *reino dos Céus*" é encontrado apenas em Mateus (WENTHE, 1976, p. 9). Embora encontre-se "ἡ βασιλεία τοῦ θεου/*o reino de Deus*" no texto mateano, a opção do hagiógrafo em utilizar sete vezes mais "ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν/o *reino dos Céus*" pode indicar o respeito e a sensibilidade acerca da tradição judaica de se evitar mencionar o nome de Deus.

A maior parte das personagens dessa cena são as "dez virgens". O termo "παρθένος/*virgem*" não possui uma etimologia clara. Além disso, seu significado é polissêmico, como atesta seu uso no Novo Testamento: "παρθένος/*virgem*" é utilizado para referir-se a jovens mulheres em idade para se casarem, a virgens propriamente ditas e é utilizado, por Paulo, com valor ascético (DEELING, 1965, p. 772-780). Desse modo, normalmente a tradução de "παρθένος" é virgem, já que as jovens mulheres na idade de se casarem, na tradição judaica do tempo de Cristo, ainda não tinham feito uma relação sexual (BLOMBERG, 1992, p. 369). Embora seja possível inferir a virgindade dessas mulheres, sua identidade permanece desconhecida na perícope de Mt 25,1-13. Elas poderiam ser acompanhantes da noiva, empregadas da casa do noivo ou simplesmente amigas ou vizinhas (FRANCE, 2007, p. 180).

Outro termo cuja melhor tradução é objeto de discussão entre os exegetas é "λαμπάς/*lâmpada*", não apenas por um preciosismo terminológico, mas para melhor compreender o motivo da tolice de umas e da sabedoria de outras. Se o objeto em voga for uma lâmpada ou lanterna, este possuía um reservatório para o azeite; caso seja uma tocha, o recipiente com o azeite estaria aparte. Além disso, a lâmpada ilumina com menor intensidade e por maior tempo, já as tochas por menor tempo, mas com maior intensidade. Entretanto, esse detalhe não altera o sentido, em linhas gerais, da perícope. Optou-se, nesse texto, por traduzir por lâmpada, devido à queixa das virgens tolas de que suas lâmpadas estavam se apagando, caso fossem tochas, essa queixa não faria sentido (GNILKA, 1991, p. 512).

Um aspecto para o qual Luz chama a atenção é a construção "ἐξέρχομαι εἰς ὑπάντησιν/*saíram para o encontro*" como uma das imagens acerca do advento da salvação, um dos possíveis sentidos teológicos para a festa nupcial. Além disso, essa forma

de se expressar é recorrente na tradição bíblica. Ao se considerar a Septuaginta (RAHLFS; HANHART, 2006), encontrar-se essa construção cinquenta duas vezes (LUZ, 2005, p. 233). Há autores que, inclusive, recorrem a essa construção comparando-a à ação de vassalos que acorriam ao encontro de um imperador ou de um general vitorioso para celebrá-lo e de algum modo participar de sua vitória (GRASSO, 2014, p. 705; BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 213). Todavia, *de per si*, "ἐξέρχομαι εἰς ὑπάντησιν/*saíram ao encontro*" não possui denotação celebrativa, esta advém do sentido alegórico dessa perícope.

O leitor, desde o início, tem diante de seus olhos "dez virgens". O número dez, sobretudo para aqueles que advogam uma leitura alegórica do texto, é uma expressão da totalidade. Entretanto, tal acepção não é importante, basta reter que há dois grupos: as virgens sábias e as virgens tolas. E a exemplo do sentido de "virgem" que foi brevemente abordado acima, agora é mister abordar "sábias" e "tolas".

O termo "μωρός/*tolo*" é utilizado por Mateus para caracterizar alguma pessoa em Mt 7,26 para referir-se àqueles que ouvem a palavra de Jesus e não a colocam em prática; em Mt 23,17 na discussão com os escribas e com os fariseus, sobre o desvio na interpretação da lei. Também há uma forma verbal com essa raiz em Mt 5,13, "μωραίνω/*perde o sabor*". Com isso, percebe-se, a partir desses textos, que a tolice se evidencia através do afastamento da vontade de Deus: 1) ao ignorar sua palavra, Mt 7,26; 2) ao manipular sua palavra, Mt 23,17; 3) ao inutilizar sua palavra, Mt 5,13. Portanto, o agir do ser humano tornar-se tolo na medida em que ele fica indiferente a Deus e descuida da sabedoria exigida por uma existência autenticamente humana (BERTRAM, 1965a, p. 754).

Por sua vez, "φρόνιμος/*sábio*" é utilizado pelo evangelista em Mt 7,24, para qualificar aqueles que praticam a palavra de Jesus; em Mt 10,16, para indicar um dos atributos para se estar entre "lobos"; em Mt 24,45, como uma qualidade do servo dedicado ao seu trabalho. O "sábio", tem consciência do que deve fazer e dedica-se ao seu fazer, ainda que esteja em meio aos "maus". É importante notar que "φρόνιμος/*sábio*" quando utilizado como um antônimo, não é aplicado apenas a "μωρός/*tolo*"; em Mt 24,45.48, por exemplo, "φρόνιμος/*sábio*" opõe-se a "κακός/*mau*". O campo lexical que tem sua origem em "φρήν/*diafragma*"; enquanto sede da atividade intelectual e expressão da unidade psicossomática humanas é amplo, mas seu uso denota que não há sabedoria sem moralidade (BERTRAM, 1965b, p. 134).

Um outro aspecto que ajuda a compreender a distinção entre as virgens sábias e as virgens tolas é a convivência entre bons e maus no evangelho mateano, o *corpus permixtum*. O seguidor de Cristo é enviado como ovelha em meio a lobos; é trigo em meio ao joio; faz parte da mesma comunidade de virgens à espera noivo (MARGUERAT, 1981, p. 541). Ainda que entre os maus, é possível ter consigo o azeite.

A imprevisibilidade da chegada do noivo apresenta a afinidade com a parábola anterior pois "χρονίζω/*demorar*" é utilizado em Mt 25,5 sobre a demora do noivo e em Mt 24,48, sobre a demora do senhor. Desse modo, compreende-se o uso imperativo do verbo "γρηγορέω/*vigiar*" em Mt 24,42 e em Mt 25,13. E o fato de não saber o dia e a hora exige um estado de alerta (SNODGRASS, 2010, p. 710).

A exata construção "κύριε κύριε/*Senhor Senhor*" ocorre vinte e duas vezes em toda a Escritura. No Antigo Testamento há essa expressão em dezoito passagens. Em todas elas, aquele que invoca "κύριε κύριε/*Senhor Senhor*" faz uma oração de súplica em um momento de grande desafio ou provação. É um grande apelo ao Senhor em meio a angústia e a aflição. Já no Novo Testamento, das quatro ocorrências, três estão em Mateus (Mt

7,21.22; 25,11) e uma em Lucas (Lc 6,46). Em Mt 7,21 e Lc 6,46, a aplicação é similar: nelas Jesus adverte que não basta dizer "κύριε κύριε/*Senhor Senhor*" para ser fiel a Deus. Por sua vez, as outras duas citações, Mt 7,22 e Mt 25,11, estão nos lábios de quem não é fiel e pretende entrar no Reino.

7 Breve história da interpretação

Ao longo da história, as parábolas de Jesus foram interpretadas, em geral, de diferentes formas: na Igreja Primitiva prevalecia a interpretação alegórica; na Idade Média, com a sistematização da teologia, busca-se os sentidos literal, moral e espiritual. Apesar de o desenvolvimento metodológico da teologia na Idade Média, a interpretação continuou sendo de cunho alegórico. A partir da Reforma buscou-se, inicialmente no meio protestante, romper com a interpretação alegórica e paulatinamente desenvolveu-se um método que buscou compreender o sentido das parábolas em seu *Sitz im Leben*. Na contemporaneidade a interpretação tornou-se plural, através do uso adequado do Método Histórico-Crítico foi possível refletir tanto do texto em seu contexto redacional, quanto desenvolver comentários teológicos e abordagens sob diferentes perspectivas (STEIN, 1985, p. 248-252).

Nesta seção, a fim de ilustrar o desenvolvimento da reflexão acerca de Mt 25,1-13, é apresentada brevemente a história da interpretação tal como Ulrich Luz apresenta em sua obra. Em seguida, também são apresentadas algumas interpretações hodiernas. Ao fim, perceber-se o quanto é pertinente considerar um texto uma obra aberta. Tamanha variedade de interpretações possivelmente não passava pela mente do hagiógrafo.

A primeira interpretação proposta remonta a Tertuliano (LUZ, 2005, p. 235) e possui um cunho espiritual-individual. Para ele, as cinco virgens tolas representam os cinco sentidos corporais: tato, audição, paladar, visão e olfato; por sua vez, as virgens sábias representam as cinco virtudes intelectuais: entendimento, conhecimento, obediência, resistência e misericórdia.

Gregório Magno (LUZ, 2005, p. 236-237) propõe uma interpretação com caráter eclesial-escatológico. O noivo representa o retorno de Cristo; a entrada ou não nas bodas, o juízo final. Ainda em sentido alegórico, a primeira "saída ao encontro do noivo", v.1c, representa o batismo; o sono, a morte, v.5b; a preparação das lâmpadas, a ressurreição após a morte, v.7c; a chegada do noivo, a parusia, v.10b.

As interpretações parenéticas são de três tipos: (1) as virgens representam os cristãos e as lâmpadas acesas são a graça batismal; (2) o segundo tipo surge com Agostinho (LUZ, 2005, p. 241-242): as lâmpadas representam as boas obras; (3) por fim, a virgindade é compreendida como a abstinência sexual e o azeite seria a bondade, ou seja, não basta a ascese, é preciso as boas obras.

Jerônimo (LUZ, 2005, p. 242) propôs uma interpretação a partir da ótica da história da salvação. Com isso, as virgens tolas representam a Sinagoga e os judeus; por sua vez, as virgens sábias, a Igreja e o cristãos. O desenvolvimento dessa perspectiva levou a considerar as virgens sábias como aqueles que acreditavam em Cristo e as virgens tolas qualquer um não-cristão.

Beasley-Murray (1987, p. 214) e Snodgrass (2010, p. 719), entre outros, consideram o texto uma parábola de natureza escatológica, com uma mensagem

simples e direta: o Senhor está voltando, estejam preparados. Para eles, o Reino não toca apenas as virgens, mas tudo o que é narrado. Assim, o advento do Reino exige, por parte dos cristãos, uma atitude de prontidão.

France (2007, p. 181) compreende essa parábola como um banquete messiânico, pois ela é uma forma através da qual a esperança messiânica judaica mantém-se acesa. Desse modo, há o reconhecimento de que a comunidade primitiva precisa ser orientada na forma através da qual deve viver por um período indeterminado, à espera do Messias.

O tempo marca a existência e nessa parábola isso fica evidente. Gnilka (1991, p. 516-518) adverte que o presente é vivido na expectativa da vida futura, ao encontro do Deus que vem. Nesse intermédio, a sabedoria não se limita à escuta da Palavra de Deus, tal como o grito dos profetas a interromper o sono e anunciar a vinda de Deus, mas em praticar essa palavra. Somente assim será possível entrar no banquete.

A distinção entre sabedoria e tolice que permeia a parábola explicita a importância do comportamento ético. Possuir um caráter escatológico, para Santi Grasso (2014, p. 708), implica viver à espera do Reino definitivo com empenho e constância na fé. Não basta ir ao encontro do Senhor, é preciso perseverar nas boas obras, ao longo de toda a vida.

Spinetoli (1983, p. 660), também propõe que o estímulo à perseverança é uma das lições dessa parábola. Ele não destaca apenas o aspecto ético, mas apresenta a noite e o sono como a obscuridade das provações, dos sofrimentos e das preocupações terrestres. Assim, apesar das dificuldades, a espera deve ser atenta e comprometida com as boas obras a fim de se estar preparado para o encontro com o Senhor.

Por fim, Fabris (1996, p. 511) dá uma nota de alegria para a cena: o encontro definitivo com o Senhor é um evento de salvação, não de condenação. Há a oferta de um banquete, não de punição. Esse convite para participar da alegria divina encontra em Mateus a exigência de perseverar segunda a vontade de Deus, pois a esperança escatológica não prescinde de um agir ético.

8 Considerações finais

Nessa breve pesquisa percebe-se o quanto faz sentido considerar alguns textos como uma obra aberta. O conceito da crítica literária hodierna indica que o significado, o sentido e a aplicação do texto não se limitam à intenção do autor. Entretanto, o próprio texto impõe limites e balizas à sua interpretação.

Além do mais, considerar a narrativa das virgens à espera do noivo como uma alegoria ou como uma parábola talvez não seja a questão mais relevante. Pois, a maior lição, provavelmente aquela intentada pelo autor, não se perde em nenhum dos dois gêneros (parábola ou alegoria): é preciso vigiar e sempre, incondicionalmente, pois não se sabe "o dia e a hora" em que o esposo vem (Mt 25,13). Ao voltar o olhar para os adjetivos "φρόνιμος/*sábio*" e "μωρός/*tolo*", utilizados no Evangelho de Mateus, perceber-se que não há vigilância sem sabedoria.

Todavia, sabedoria não é mera erudição, é característica do "sal que salga" e da "luz que ilumina", isto é, vive sabiamente aquele que busca corresponder ao projeto de Deus para o ser humano. A liberdade, que abre espaço para a sandice e para a tolice, também é

o *locus* no qual cada indivíduo pode ouvir a Palavra de Deus e colocá-la em prática, tornando-se "sal da terra e luz no mundo" (Mt 5).

A escolha sábia é pela entrada no banquete nupcial, na comunhão e na participação da intimidade divina, que em Cristo são oferecidas a todos. Mas é preciso querer e a volição precisa tornar-se ação. Em uma sociedade na qual tantos gritam "κύριε κύριε/*Senhor Senhor*", a eloquência deveria vir das boas obras, através das quais as vasilhas se enchem de azeite e iluminam a vigilante a espera da vinda o Senhor, sem indicar dia e hora (Mt 25,13).

Referências

BEASLEY-MURRAY, George R. *Jesus and the Kingdom of God.* Grand Rapids/Exeter: Eerdmans Publishing/Paternoster Press, 1987.

BERTRAM, George. μωρός. *In:* KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; MONTAGNINI, Felice; SCARPAT, G.; SOFFRITTI, O. (ed.). *Grande lessico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 1965a. v. 7, p. 723-765.

BERTRAM, George. ρρήν. *In:* KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; MONTAGNINI, Felice; SCARPAT, G.; SOFFRITTI, O. (ed.). *Grande lessico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 1965b. v.15, p. 133-173.

BLICKENSTAFF, Marianne. *'While the bridegroom is with them':* marriage, family, gender and violence in the Gospel of Matthew. London: T&T Clark International, 2005.

BLOMBERG, Craig L. *Matthew*. Nashville: Broadman Press, 1992.

DEELING, Gerhard. παρθένος. *In:* KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; MONTAGNINI, Felice; SCARPAT, G.; SOFFRITTI, O. (ed.). *Grande lessico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 1965. v. 9, p. 749-781.

DONFRIED, Karl Paul. Allegory of the ten virgins (Matt 25:1-13) as a summary of Matthean theology. *Journal of Biblical Literature,* Atlanta, v. 93, n. 3, p. 415–428, 1974.

FABRIS, Rinaldo. *Matteo.* Roma: Edizioni Borla, 1996.

FRANCE, Richard Thomas. *Matthew*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2007.

GNILKA, Joachim. *Il vangelo di Matteo.* Parte Seconda: Texto greco, traduzione e comento ai capp. 14,1-28,20, Brescia: Paideia Editrice, 1991.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. *In:* MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios.* Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.

GOURGUES, Michel. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus.* Das origens à atualidade. São Paulo: Loyola, 2004.

GRASSO, Santi. *Il Vangelo di Matteo.* Roma: Città Nuova Editrice, 2014.

HARRINGTON, Daniel J. *Il Vangelo di Matteo.* Torino: Editrice Elledici, 2005.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus.* São Paulo: Paulus, 1986.

LONGENECKER, Richard N. (ed.). *The Challenge of Jesus' Parables.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000.

LUZ, Ulrich. *Matthew 21–28.* A commentary on Matthew 21–28. Minneapolis: Fortess Press, 2005.

MARGUERAT, Daniel. *Le jugement dans l'Évangile de Matthieu.* Paris: Editions Labor et Fides, 1981.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece.* 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PUIG, Armand. *La parabole des dix vierges.* Rome: Biblical Institute Press, 1983.

RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert (eds.). *Septuaginta.* Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.

SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

SPINETOLI, Ortensio da. *Matteo:* Il vangelo dela chiesa. Assissi: Cittadella Editrice, 1983.

STEIN, Robert H. The parables of Jesus in recent study. *Word & World,* Saint Paul, v. 5, n. 3, p. 248–257, 1985.

WENTHE, Dean O. Parable of the ten bridesmaids: Matt 25:1-13. *The Springfielder*, Fort Wayne, v. 40, n. 1, p. 9–16, 1976.